



Atividade voluntária em pesquisa

ADesloulcar-se

Escada Abaixo: castigo, rito e resistência na experiência do sujeito do labor

Autores: Thais Caroline de Oliveira Souza, Luciene Jung de Campos

INTRODUÇÃO / OBJETIVO

O tema desta pesquisa surge da inquietação frente à obra *Aqui*, da arquiteta Nicole Vlado (2018) que propõe juntar a arquitetura de Niemeyer e o trabalho de mulheres e homens que varrem e lavam o piso do pavilhão para receber a 33ª Bienal de São Paulo. O presente texto tem por objetivo relacionar a arte e o trabalho subalterno de limpeza com o sagrado num movimento de resistência social em espaço público de celebração. A materialidade de análise é a Lavagem das escadarias na Festividade do Senhor do Bonfim. Evento histórico, cultural e religioso, cuja origem remonta ao período do Brasil colônia.

DISPOSITIVO

TEÓRICO-ANALÍTICO-METODOLÓGICO

A Análise do Discurso proposta por Michel Pêcheux (1997) é o dispositivo teórico-analítico-metodológico que orienta esta pesquisa. Trata-se de produzir uma análise da materialidade significativa a partir da intersecção entre três grandes campos do conhecimento: a psicanálise, o materialismo histórico e a linguística. Nesse viés, o conceito de sujeito é o sujeito do inconsciente, estruturado na linguagem e interpelado pela ideologia que através de práticas sociais e históricas produz e determina lugares na estrutura social a partir do gênero, da raça e da classe. Com isso, a posição do sujeito no discurso pode ser questionada, escada acima ou escada abaixo.

DISCUSSÃO I

A Festa do Nosso Senhor do Bonfim é a materialidade que subsidia essa análise, mais precisamente a cerimônia da lavagem que nasce como uma tarefa imposta aos negros escravizados que através do corpo, do sagrado e da arte subvertem as noções de obrigação, castigo e sofrimento, transformando trabalho em festa e rito.

Contudo, a ideologia que interpela os corpos através do Aparelho Ideológico de Estado da Igreja Católica (Althusser, 2022) vê nos pretos que festejam a profanação do espaço sacro e por isso lhes proíbe o rito de lavagem.

A classificação da expressão religiosa africana, majoritariamente feminina no Brasil, como profana marca o racismo que permeia a produção da subjetividade do negro brasileiro, por meio da demonização dos seus ritos, bem como da marginalização da cultura preta, tida como vadiagem em oposição ao trabalho que dignifica, apregoado pelo cristianismo, reafirmando, assim, a disputa pelo espaço, pelo protagonismo de culturas, mas, primordialmente, a disputa pelo sagrado, cujo conceito estabelece-se majoritariamente a partir de uma ótica masculina e branca.

DISCUSSÃO II

Os negros escravizados no fazer da lavagem ritualizam o trabalho, dignificando esta tarefa por meio do culto a Oxalá, primando pelo tempo de festa em detrimento ao tempo de trabalho, que quando é realizado se faz por meio do rito que o eleva acima do cotidiano, ao poético e ao político, possibilitando formas de resistência e construção de memória coletiva, tendo neste processo os tensionamentos da disputa pelo protagonismo na formação social brasileira.

Neste rito performado majoritariamente por mulheres pretas, que bailam a coreografia do trabalho-festa, opera-se o expurgo da dor e sobreexploração do trabalho, no transe africano que emerge sob o verniz católico. (Clément; Kristeva, 2001).

A lavagem é sobretudo um ato de transgressão e elevação no qual, por meio do rito de celebração ao Orixá, as baianas encontram a fresta necessária para dar vazão às pulsões cerzidas pelo trauma da escravidão. As baianas que se reúnem para pedir proteção e seguem cerca de oito quilômetros de procissão até a igreja levam-me a pensar no esforço que se empenha para “embelezar” feridas tão dolorosas como as produzidas pela experiência da escravidão, por exemplo, e transformá-las em uma festa típica de uma cultura, que mobiliza milhares de pessoas com o intuito de produzir e fruir do belo ali contido (Dejours, 2022).

“Lavar o chão, lavar Niemeyer, lavar um amante, ser uma trabalhadora, amar o trabalho”. Assim Nicole Vlado termina o depoimento acerca do seu processo de produção artística e abre portas para nesse trabalho pensarmos o que de amor, trabalho, arte, sofrimento e beleza encontram-se intimamente ligados nesse corpo-chão preto, nos quais foram sulcados caminhos de subjetividade muito dolorosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A ritualização da lavagem é uma prática social e histórica de resistência e de inscrição do sujeito no espaço público que transforma o trabalho penoso e sobreexplorado, aproximando-o do trabalho artístico;
- Na linguagem, nomear a religião africana de **profana**, denota a supremacia da religião católica sobre a religião e a ancestralidade de matriz africana, destituindo o sujeito.
- As proibições no processo de disputa pelo sagrado servem como motor das insurgências, fazendo com que hoje, a cerimônia consista num grande espaço de vazão para as pulsões que por meio da arte se reafirma como espaço potente do corpo (preto) no mundo.
- A sobreexploração do trabalho, a deslegitimação da religião e da ancestralidade africana explicitam o racismo no processo de formação social brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022
- CLEMÉNT, C; KRISTEVA, J. **O feminino e o Sagrado**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- DEJOURS, C. **Trabalho vivo II: trabalho e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2022.
- IPHAN. **Festa do Bonfim a maior manifestação religiosa popular da Bahia**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20Festa%20do%20Bonfim.pdf>
- MENDES, E.N.P. **A lavagem das escadarias do Nosso Senhor do Bonfim da Bahia: Identidade e Memória no final dos oitocentos**. UERJ.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 2.ed. São Paulo: Pontes, 1997a
- Vlado, N. **Aqui**. Disponível em: <https://bienal.org.br/fotos/nicole-vlado-here-i-gaze-at-stars-to-heal-wounds-2018/>